

O HOMEM E O MEIO NATURAL. NOTAS SOBRE A ECOLOGIA NOS PRIMÓRDIOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL

Luciana Bernardo Miotto

I

Cada época tende a se formar por um estilo de pensamento. Não se pode dizer que o processo de consolidação das Ciências Sociais no Brasil, enquanto disciplina científica, não tenha sido tardio (Ortiz, 1990), ou que não tenha sofrido dificuldades as mais variadas. Entretanto, a singularidade do processo decorre do próprio entrelaçamento entre o ensaísmo de vários autores, a sistematização de um pensamento social e a preocupação incessante com aspectos da formação do povo brasileiro.

Haveria realmente uma cultura e uma tradição nacionais? Quais raças estiveram envolvidas no processo de formação do povo brasileiro e, em que medida influenciaram ou não a formação desta cultura e desta tradição? Estas questões habitaram o imaginário dos autores das décadas de 20, 30 e 40: Gilberto Amado, Paulo Prado, Oliveira Vianna, Gilber-

to Freyre, Djacir Menezes, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros.

Gilberto Amado, Paulo Prado e Oliveira Vianna, por exemplo, constituem um grupo de autores heterogêneos, mas com a marca característica dos primórdios da sociologia brasileira: o ensaísmo dos primeiros trabalhos sobre a questão nacional. Não podem ser considerados possuidores de um caráter sociológico, justamente porque carecem de uma metodologia específica. Realizam ensaios abrangendo várias disciplinas de estudo como a geografia, a história, a biologia e a psicologia. Tais ensaios revelam a ausência de uma sociologia enquanto disciplina, relegando aos autores a utilização de outras ciências nos estudos sobre a formação do povo brasileiro.

Não estamos lidando com sociólogos no sentido estrito da palavra. O povo brasileiro é descrito (e de certa forma lamentado) através do trabalho de médicos, engenheiros e advogados. O ensaísmo da década de 20 deixa entrever tons melancólicos acerca da formação de um povo brasileiro. Aspectos como a miscigenação – a mistura de raças e culturas – e o meio ambiente singular do país – o clima quente e úmido – são vistos e analisados através de uma perspectiva totalmente negativa.

Esta *Sociobiologia* – o *biológico* influenciando a análise do *social*, ou a tão acalentada unidade nacional prejudicada pela mistura de raças, possui traços marcantes de um conservadorismo racista. Oliveira Vianna (1946), por exemplo, utilizando dados da imigração européia em São Paulo e no Sul, além de estimativas numéricas sobre a alta taxa de mortalidade entre mulatos, negros e mamelucos, afirma que somente a arianização de nosso sangue poderia melhorar a raça. É de se notar que este autor, assim como outros, pensa a identidade nacional em função de um modelo europeu – o modelo do *branco* europeu.

Ao inserir questões relativas ao Estado, ao poder e à democracia, Oliveira Vianna, por exemplo, denota a particularidade de avançar o

caráter de ensaio dos primeiros textos. Realiza uma descrição do povo brasileiro a partir de um referencial teórico mais político e refinado, embora suas análises estejam carregadas de elementos da Sociobiologia. Em Oliveira Vianna, somente um Estado forte pode consolidar a proposta de uma identidade nacional, embora este Estado autoritário esteja vinculado à preocupação do autor com um certo *enbranquecimento* da raça.

Já existente em Gilberto Freyre, a identidade nacional é resultado de uma democracia cultural, propiciada pelo processo de miscigenação. O tom melancólico cedeu lugar à criatividade positiva de um autor, levando-se em conta o conceito de *democracia racial*. Miscigenação não é mais fator de tristeza; ela seria contrária à força de aristocratização, pois amenizaria a distância entre a *Casa-Grande* e a *Senzala*.

Tanto a obra de Oliveira Vianna, quanto a de Gilberto Freyre, não podem ser desvinculadas de seu período histórico: trata-se do início do processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, que tem seu ponto alto em Gilberto Freyre. As manifestações esparsas dos primórdios da sociologia brasileira deram lugar, na década de 30, a uma sociologia mais sistematizada.

A década de 30 foi um período rico em análises. Muitos trabalhos sugerem uma preocupação incessante com o papel da sociologia e seu método para a explicação de fenômenos sociais. Note-se, a esse respeito, semelhante a muitos autores do período, o trabalho de Djacir Menezes em *O Outro Nordeste*. O primeiro capítulo, por exemplo, discorre sobre a sociologia enquanto ciência, denotando uma preocupação excessiva com o rigor científico de sua metodologia, justamente o contraponto ao ensaísmo dos autores da década de 20.

E como a Ecologia situa-se, enquanto temática, dentro da sociologia brasileira? Não caberia aqui relacionar todas as obras que mencionam a Ecologia ou que a utilizam como tema de análise, num devir his-

tórico das ciências sociais. Pode-se tentar compreender algumas de suas raízes na presença de dois autores aqui escolhidos: Gilberto Freyre, em *Nordeste*, e Djacir Menezes em *O Outro Nordeste*.

Menos lapidada, muito restrita, a perspectiva ecológica destes autores nos fornece um bom exemplo do que significou o avanço da questão ambiental enquanto temática, na sociologia brasileira.

II

Gilberto Freyre insere-se num conjunto de autores que abandonam a marca de lamentação sobre a inexistência de uma cultura brasileira, característica do ensaísmo dos anos 20, para se voltar à busca das raízes de nossa formação. O simples enfoque do conceito de raça dá lugar a um conceito de cultura, mais abrangente e elaborado, com destaque para a questão do Estado nacional. Ao lado de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, possui uma *obsessão explicativa pelo Brasil*.¹

Gilberto Freyre e Djacir Menezes perdem-se na vastidão de um Nordeste tão complementar em si mesmo quanto contraditório. O *Nordeste* da zona da mata, de Gilberto Freyre e *O outro Nordeste* das caatingas, de Djacir Menezes. Como autores importantes do mesmo período histórico, possuem tanto semelhanças quanto divergências.

O caminho a seguir será pautado pela presença de um tema: a Ecologia. Em suas análises sobre os aspectos mais importantes da colo-

¹Antônio Cândido (1967) destaca, dentro da sociologia brasileira, três obras significativas: *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, a ligação entre o naturalismo dos velhos intérpretes (Sívio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna) e os pontos de vista mais especificamente sociológicos a partir da década de 40; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, onde há indicações importantes para se compreender o sentido de certas posições políticas do momento dominado pelo liberalismo tradicional; e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, seguindo em suas análises, a linha interpretativa do materialismo histórico.

nização do Nordeste, os dois autores utilizam o conceito de Ecologia de maneira bastante singular. No caso de Djacir Menezes, ele não se encontra tão aparente como em Gilberto Freyre.

A fim de compreender a colonização do Nordeste e a mistura de raças frente a monocultura de cana-de-açúcar, e compreendê-la dentro de sua perspectiva ecológica, o trabalho de Gilberto Freyre, em *Nordeste exigiu incursões em várias especialidades*, todas ligadas ao problema social da adaptação do colonizador, tanto europeu quanto africano, ao meio regional.

É o Nordeste da cana-de-açúcar, do primeiro engenho, da primeira casa de pedra-e-cal, da primeira Igreja; o Nordeste do *homem fundador da lavoura e transplantador e criador de valores*. *Nordeste* descreve a civilização do açúcar no Nordeste, palco da monocultura latifundiária, escravocrata e monossexual. Se o homem possui meios e técnicas de modificar o ambiente, e dentro da Ecologia qualquer ação humana na natureza corresponde a uma reação desta, nada deixou raízes tão profundas quanto a monocultura de cana-de-açúcar no Nordeste. Tudo influenciou a vida na região: a escravidão, o latifúndio e o canavial.

Se em alguns momentos de seu livro, Gilberto Freyre lamenta os estragos da monocultura ao meio ambiente da região, em outros glorifica-a como responsável pela formação de uma civilização tipicamente brasileira, advinda da mistura de raças, valores e do próprio progresso material.

Entretanto, há dois Nordeste: o agrário e o pastoril. Não só o de árvores cheias de sombras, mas o de sertões crestados pelo sol; não só o Nordeste de senhores de engenho, mas o de sertanejos e vaqueiros.

O *Outro Nordeste*, de Djacir Menezes, é o das caatingas e das secas. “*Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos*” (Menezes, 1937, p. 21). É interessante notar que a palavra Nordeste é utilizada sugerindo a idéia de seca. Contudo,

deve ficar bem clara a diferença existente entre a zona da mata, região de terra fértil e o sertão, região das caatingas. De acordo com Gilberto Freyre, não há somente dois, mas vários Nordeste.

Semelhante a Gilberto Freyre, Djacir Menezes procura analisar os traços gerais da evolução social do Nordeste brasileiro, abrangendo a área das caatingas. Não define o seu trabalho como um *estudo ecológico*, mas como uma *sociologia regional*. Neste sentido, tanto o trabalho de Gilberto Freyre quanto o de Djacir Menezes privilegiam esta perspectiva regionalista, em detrimento de um *estudo ecológico* aprofundado. Trata-se, fundamentalmente, da influência do meio na formação do tipo nordestino, moldando a região e os valores.

Djacir Menezes procurou enquadrar a formação histórica e social do Nordeste dentro da evolução do Brasil, processo ligado ao desenvolvimento capitalista no Ocidente. Qualquer caráter ecológico de seu trabalho é muito mais dissimulado que o de Gilberto Freyre. Pode-se percebê-lo em sua descrição dos aspectos físicos da região, na excessiva influência que atribui a eles na formação do tipo nordestino das caatingas e na composição da sociedade, fruto das condições físicas e culturais. Sua metodologia de trabalho se desenvolve através de fatos e informações sobre a história do Nordeste: a vida material, a análise das relações produtivas, da técnica do grupo em relação ao ambiente, entre grupos em conflito. Em um Nordeste múltiplo e diverso, tanto de caatingas como de terras férteis e úmidas das matas, é importante saber como procura se adaptar o material humano.

A análise ecológica que se pode apreender em *O Outro Nordeste* procura entender a adaptação dos povos nórdicos aos trópicos, através de fatores inter-relacionados como o clima, a miscigenação e as consequências do regime econômico de exploração agrícola. Entre o homem e o mundo, a inter-relação de ambos. O conceito de inter-relação é fundamental na Ecologia. Geralmente, a Ecologia é definida como “o estudo

da relação dos organismos ou grupos de organismos com os seus meios ambientes, ou a ciência das inter-relações entre organismos vivos e o seu ambiente" (Odum, 1959, p. 12).

Para Gilberto Freyre, o estudo ecológico é "aquele que se ocupa da planta, do animal ou do homem em relação com o meio ou com o ambiente" (1937, p. 37).² Nesta definição de Gilberto Freyre está presente o conceito de inter-relação. Ao descrever a monocultura de cana-de-açúcar no Nordeste, ele procura mostrá-la como um jogo complexo entre sociedade e natureza, que moldou a fisionomia e o caráter de um povo que hoje se sente ser o mais brasileiro. Valores e tradições portuguesas, africanas e indígenas, misturados às melhores terras de barro e humus, deram origem a um tipo que, para Gilberto Freyre, representa o mais próximo do que se poderia dizer de um tipo de homem brasileiro. Vê-se que o autor engloba, dentro de sua perspectiva de Ecologia, tanto o natural quanto o cultural. Contudo, como também será visto em Djacir Menezes, a influência do meio é fundamental na constituição do tipo nordestino – o cabra.

Djacir Menezes coloca-nos frente a uma compreensão do ambiente como elemento catalisador do desenvolvimento do indivíduo, tanto

² É interessante destacar a bibliografia sobre Ecologia utilizada por Gilberto Freyre: R.N. Chapman, *Animal ecology*, F.E. Clements, *Research methods in ecology*, A. S. Pearse, *Animal ecology*, E. Warming, *Oecology of plants*, C. S. Elton, *Animal ecology and evolution*, R. Mukerjee, *Regional Sociology*, T.W. Bews, *Human ecology*. E ainda: R. Mukerjee, "Social ecology of a river valley", *Sociology and Social Research*, vol.XII, 1927-1928, L.L. Bernard, "Introductory statement regarding human ecology", *Publications of the American Sociological Society*, vol.XXIII, 1929, R.D. McKenzie, "The ecological approach to the study of the human community", in *The City*, ed. por Park e Burgess. Segundo Gilberto Freyre, é neste trabalho que se define o sentido mais restrito de ecologia humana, de acordo com a Escola Sociológica de Chicago. Destaque para a sua influência na sociologia brasileira da década de 30. Ver também R.E. Park, "The concept of position in sociology", *Publications of the American Sociological Society*, vol.XX, 1925.

biológico quanto social. Suas investigações permitem-lhe afirmar os laços existentes entre o meio natural e a vida humana, pois segundo ele

“todos os seres vivos condicionam-se às influências gerais do meio: esse ajustamento incessante às situações ambientes, num equilíbrio dinâmico incessantemente rompido e restaurado, é mesmo uma das características gerais da vida” (Menezes, 1937, p. 40).

Influenciado pelo meio, o homem adquire as variantes de seu lugar. Cada região exerce um tipo de influência na relação do homem com o meio. Neste sentido, destaca a peculiaridade da caatinga: o sertão influenciando as próprias condições de vida; flagelando o homem e a agricultura, moldando o *cabra*. É por isso que Djacir Menezes se prende a uma caracterização extenuante das condições físicas e climáticas do Nordeste seco, palco de caatingas e vaqueiros, bandidos e fanáticos.³ Só assim se julga capaz de compreender os aspectos sociais.

Desta maneira, a ação dos grupos humanos será sempre no sentido de procurar satisfazer necessidades fundamentais de ordem biológica. E frente a esta perspectiva, Djacir Menezes fundamenta o surgimento dos elementos humanos característicos do sertão como resultado das próprias condições do meio.

De acordo com Djacir Menezes, o homem, entre todos os seres vivos, e apesar de sofrer a influência do ambiente em que vive, é o que mais técnicas possui para modificar seu próprio meio. O homem é resultado de um processo histórico e social que, ao modificar as condições do ambiente onde atua, cria novas condições a serem modificadas. Esbarra, entretanto, no limite da capacidade de auto-regulação dos orga-

³Em alguns momentos do livro, Djacir Menezes menciona as figuras moldadas pela caatinga, entre elas a do bandido (destaca a simpatia do sertanejo pela figura do cangaceiro, visto como instrumento inconsciente de vingança contra as adversidades); e a do fanático, mencionando nomes como os de Antônio Conselheiro e do Padre Cícero.

nismos ao exigir do meio onde vive, mais do que este poderia lhe dar. Neste sentido, a monocultura da cana-de-açúcar, destaque da colonização do Nordeste, rompe o equilíbrio homeostático⁴ nas matas que de vasta, nos solos que empobrece, nas águas que degrada. A inexistente variabilidade da monocultura prejudica o mecanismo de auto-regulação do ecossistema. Gilberto Freyre acentua este drama, uma “visão da paisagem, da vida e do homem do Nordeste que a monocultura da cana feriu mais profundamente” (1937, p. 17).

As relações entre homem e natureza não se desenvolveram de forma harmoniosa. São conflituosas. Segundo Gilberto Freyre, a monocultura da cana-de-açúcar acentuou não somente a separação entre homem e natureza, mas a separação entre os próprios homens: aqueles que trabalham na fabricação do açúcar e aqueles que vivem de sua exploração gananciosa. Isso propiciou o desenvolvimento de relações de extrema subordinação.

Paradoxalmente, se por um lado Gilberto Freyre reforça o aspecto negativo da monocultura de cana-de-açúcar no Nordeste, por outro não a reconhece como intrusa. Seu drama deveu-se muito mais à ganância de lucro do explorador português do que à erosão da paisagem da zona da mata nordestina. Porque a cana-de-açúcar chegou ao Nordeste e encontrou boa terra: os solos de massapê. Gilberto Freyre ressalta os contrastes entre um Nordeste de terra boa e o Nordeste das caatingas. Descreve o complexo monocultor baseado numa terra *doce*, que não tem “aquele ranger de areia dos sertões” (Freyre, 1937, pp. 24-25).

⁴Um dos conceitos presentes na Ecologia é o de equilíbrio auto-regulado ou homeostase. Significa a capacidade de auto-regulação dos sistemas vivos, profundamente ligada à interdependência de seus elementos. Se um sistema é danificado, ele pode se reordenar e se adaptar, dentro de certos limites, à nova situação, estabelecendo um novo equilíbrio.

Na constituição do tipo nordestino, tanto em Djacir Menezes quanto em Gilberto Freyre, influem as condições desfavoráveis do meio, desarticulando muitas vezes o tipo étnico.

Em Gilberto Freyre a miscigenação não é vista como algo negativo – *elementos geneticamente tão bons* – e não parece, segundo ele, ter concorrido para o desprestígio da população regional. A história social do Nordeste da cana de açúcar está ligada ao esforço do mestiço e do cabra, em condições duramente desfavoráveis. Neste sentido, Gilberto Freyre se contrapõe a vários autores: Nina Rodrigues, Sílvio Romero, José Veríssimo, Oliveira Vianna – que acreditavam na inferioridade biológica do mestiço brasileiro.

Semelhante a Djacir Menezes, Gilberto Freyre acaba enfatizando a influência que o meio natural imprime ao desenvolvimento do indivíduo. Se procurarmos recordar os autores da década de 20, e de períodos anteriores, este aspecto também é evidente, porém negativo, de conseqüências nefastas para a colonização dos trópicos. Tanto em Djacir Menezes quanto em Gilberto Freyre, a visão do papel que o meio natural representa é colocada numa perspectiva mais criadora.

III

Frente a todas estas análises, destacam-se três pontos fundamentais:

1. a força do meio sobre o homem – influência do clima e das características físico-biológicas na constituição de vários aspectos da vida;
2. a preocupação dos autores em se libertar de uma sociologia incipiente e inaugurar uma disciplina de caráter científico;
3. as contradições de um processo de colonização na construção de um Nordeste em meio à fusão de três elementos: a miscigenação, a cana-de-açúcar e a caatinga.

"(...) que a exploração da cana de açúcar fosse o que foi neste trecho do Brasil: uma fase, em certo sentido, criadora e sob vários aspectos brilhantíssima; mas tão separada de certos elementos da natureza regional e tão artificial em algumas de suas condições de vida, que apodreceu ainda verde; sem amadurecer direito" (Freyre, 1937, p. 83).

Tanto em *Nordeste* quanto em *O Outro Nordeste*, o ambiente possui papel importante. Porém é o homem quem possui as técnicas para modificá-lo à sua maneira. Supõe-se com isso, que possa dominá-lo.

Simplesmente não há ação do homem na natureza que não lhe cause uma nova ação. Rompido o equilíbrio, o processo de restauração, quando possível, é lento, e acarreta perdas ao próprio homem.

Nas relações conflituosas do homem com a natureza, preponderaram os antagonismos. Tomando-se Gilberto Freyre, a cultura da cana no Nordeste aristocratizou o branco em senhor e degradou índios e negros. Valorizou a casa-grande e degradou a choça de palha em mucambo. Valorizou o canavial e desprezou a mata. Um sistema de relações que dividiu o homem, suas habitações e a própria paisagem em duas partes tão diferentes.

Em um Nordeste entre o deserto e a mata, o homem não venceu.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Gilberto (1981). "As instituições políticas e o meio social no Brasil" in: CARDOSO, Vicente Licínio (1981). *À margem da história da república*. Brasília, UnB, tomo I.
- BASTOS, Élide Rugai (1987). "Gilberto Freyre e o mito da cultura brasileira" in: *Humanidades*, Brasília, ano IV.
- CÂNDIDO, Antônio (1967). "O significado de Raízes do Brasil" in: HOLANDA, Sérgio Buarque de (1993). *Raízes do Brasil*. Rio de

- Janeiro, Coleção Documentos Brasileiros, vol.1, Livraria José Olympio Editora, 25a. ed..
- FREYRE, Gilberto (1937). *Nordeste*. Rio de Janeiro, Coleção Documentos Brasileiros, vol.4, Livraria José Olympio Editora.
- FREYRE, Gilberto (1947). *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, Coleção Documentos Brasileiros vol.56, Livraria José Olympio Editora.
- FREYRE, Gilberto (1961) *Introdução à segunda edição de Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.
- LAGO, Antônio & PÁDUA, José Augusto (1991). *O que é Ecologia*. São Paulo, Brasiliense, 10a. ed.
- MENEZES, Djacir (1937). *O Outro Nordeste*. Rio de Janeiro, Coleção Documentos Brasileiros, vol.5, Livraria José Olympio Editora.
- MICELI, Sergio (1987). "Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil 1930-1964" in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.5, vol.2.
- ODUM, E. (1959). *Fundamentos de Ecologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ORTIZ, Renato (1990). "Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil" in: *Novos Estudos Cebrap* n. 27, São Paulo, Cebrap.
- PRADO, Paulo (1944). *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 5a. ed..
- VIANNA, Oliveira (1946). *Evolução do povo brasileiro*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 4a. ed., p.123-192.